

oficina de   
criação literária



2020

CADERNOS DO  
**SERTÃO**



**Oficina de criação literária**

**Feira de Santana, Bahia, Brasil 2020**

# **Cadernos do Sertão**

Oficina de criação literária

Editor:

Humberto de Oliveira

Comitê desta Edição:

Humberto de Oliveira

Nelmira Moreira da Silva

Leticia Moreira de Oliveira

Kananda Sodré

Ronaldo dos Santos da Paixão

Equipe Técnica:

Humberto de Oliveira

Ronaldo dos Santos da Paixão

Diagramação:

Ronaldo dos Santos da Paixão

<https://revistacadernosdosertao.wordpress.com>

## Sumário

Apresentação: Somente a Arte pode humanizar	5
Um sonho que se tornou	9
Entre Notas e Segredos	15
O preço da transformação	23
Cadê Tereza?	31
Entre notas e apuros	41
O Artista	51
Acordes suicidas	57
Canção para Maria Juliana	59
A Caminho do Show	63
Solo desconcertante	75
Alma	83

## Apresentação: Somente a Arte pode humanizar

Humberto de Oliveira

---

Os textos deste número especial da revista literária e cultural Cadernos do Sertão são o resultado parcial de uma Oficina de Criação literária, que integrou, ela própria, o conjunto de atividades da disciplina LET 212, Tópicos especiais de Literatura Comparada, uma optativa oferecida aos diversos cursos: Letras, Música, Biologia, Matemática, Filosofia, Direito...

Nossos encontros eram motivados pelas discussões apaixonadas pelo poder da Literatura na formação de imaginários sociais e de nossa própria brasilidade.

Fugindo das tentações do biografismo e da burocratização do ensino da Literatura, nosso desafio era destacar, em leituras

impregnadas das funções essenciais da literariedade, a fruição, o prazer da leitura: passeamos por um vasto repertório da literatura comparada e rompemos, pela tradução, as fronteiras geográficas e linguísticas.

Por fim, um outro desafio se nos impunha: desmistificar a ideia de genialidade congênita do escritor ou da escritora, a falsa ideia de “um dom que nasce com o indivíduo” e que termina por naturalizar outras desigualdades . Tentamos evidenciar como a educação verdadeira pode nos fazer vencer barreiras, superar limites, reinventar a vida... A arte de escrever, como todas as outras, exigindo dedicação, desejo e vontade, além da aprendizagem do olhar e da técnica de escrever. O direito à Literatura se complementando pelo direito a escrever. Tornar-se produtor(a,) de arte literária, passaria por se utilizar de técnicas de produção de textos literários, aprender a apropriar-se de

emoções e saber reelabora-las, como bem nos lembra Holderlin ao nos dizer que o poeta é como o para raios.

Estes primeiros textos que podem se inscrever na categoria contos anunciam talentos, comprovam a existência destas novas estrelas brilhando no céu das Letras. Se insistem, através da perseverança que é exigida de cada profissional e de cada artista em particular, somente poderá saber, de um lado a visão ou o insight que cada um cada uma escolherá para si, e, claro, o que a teia do universo lhes reservará.

Que já brilham, é inegável. Que demonstram talento e criatividade, sem dúvida. Falta agora o permanente trabalho com a língua para aperfeiçoar a sua linguagem, que somente o investimento no tempo poderá determinar e garantir.

Ainda que não insistam em reivindicar sua permanência no firmamento do mundo literário, terão deixado, inquestionavelmente, em cada um destes contos, o brilho da estrela, mesmo se cadente.



Cidade pequena, árida, onde todo mundo se conhecia. Lá mesmo, no sertão da Bahia, Dona Vera tinha dois filhos gêmeos e os incentivou a gostarem de música clássica, desde criança. Dona Vera, quando era jovem, foi para Salvador e lá no teatro Castro Alves, assistiu a um concerto de música clássica. No primeiro momento achou tudo estranho, mas quando a orquestra se preparou e o maestro começou o concerto, foi tudo maravilhoso. Ela nunca tinha ouvido e visto nada daquilo. Foi algo muito marcante. E a partir desse momento, ela prometeu que, se tivesse filhos no futuro, faria de tudo para vê-los, tocando em uma orquestra como aquela, pois; esse era seu desejo de agora em diante. Depois desse momento, ela voltou para sua cidade e construiu uma família. Seus dois filhos se chamavam Igor e Gustavo.

Durante o crescimento dos meninos, dona Vera comprou uma televisão e mostrava

sempre um programa em que passava, semanalmente, concertos e tudo sobre música clássica, pensando que poderia incentivá-los a gostarem desse tipo de música.

Passaram-se alguns anos, Igor e Gustavo estavam no ensino médio, e, por ironia do destino, em sua escola, barraram em uma sala que tinha alguns instrumentos. Nesta sala, tinha um professor de música que estava preparando uma aula sobre música clássica e eles interessados, ficaram, pois; já ouviram aquele gênero musical, em sua casa. Depois desse momento, Igor e Gustavo ficaram mais animados, em ouvir aquele gênero musical e, através daquele professor que dava aula há muitos anos naquela escola, despertaram o desejo de aprender a tocar um instrumento de orquestra

Concluíram o ensino médio e foram conversar com sua mãe, porque desejavam ir para a capital e lá participarem de um conservatório de música, para aprenderem um instrumento. Durante alguns anos, sua mãe ficou juntando um dinheirinho, para que, se no

futuro, eles tivessem interesse, os ajudaria, neste sonho. As coisas deram certo. Igor e Gustavo foram morar na capital e passaram em um conservatório. Igor aprendeu a tocar violino e Gustavo, a tocar piano. Com muito estudo, concluíram seu tempo no conservatório e agora estavam prontos para fazerem uma prova no curso de bacharelado em música de seus respectivos instrumentos, na universidade Federal.

Durante esses anos na universidade, estudaram muito e, com todo o incentivo de sua mãe, batalharam e dedicaram-se até surgir uma oportunidade para entrarem em uma orquestra. Após a conclusão do curso, fizeram uma prova para participarem da orquestra jovem do Brasil; e com muito empenho e dedicação, conseguiram passar! Quando receberam o resultado, foi só festa! A mãe que estava no interior quase morreu de emoção, a alegria estava naquele momento. Depois do resultado, eles teriam que fazer um concerto solo ou em duo, em seu Estado com seus instrumentos, antes que partissem para os ensaios e programações que teriam com a

orquestra jovem do Brasil. Ao decorrer desta nova caminhada, alegres e contentes, prepararam um concerto em forma de dueto, no teatro Castro Alves aberto ao público. E não poderia faltar uma convidada especial, ligaram para sua mãe e falaram:

– Mãe, pode vir para Salvador, porque eu e meu irmão faremos um concerto em sua homenagem.

Depois dessa fala, ela começou a chorar e percebeu que seu sonho haveria de se tornar uma realidade e respondeu:

– Certo filho, estou ansiosa para esse grande dia.

Igor e Gustavo ensaiaram muito e chegou o grande dia. Dona Vera estava lá, sentada em um lugar privilegiado e começou o concerto. Igor com seu violino começou solando uma linda passagem daquela peça e Gustavo o acompanhava ao piano. Tudo parecia um sonho e dona Vera estava aos prantos. Mas quando em um dado momento, perto de acabar o concerto, a corda MI do

violino de Igor quebrou-se, a plateia e dona Vera ficaram assustados. E desta forma, concerto terminou.

Depois desse momento de muita tristeza e angustia, os meninos foram cumprir a agenda da orquestra jovem do Brasil e dona vera voltou para sua casa com uma certeza, que além do ocorrido, seus filhos cumpriram o sonho que ela havia tanto sonhado.



Alan Silva de Souza nasceu na cidade de Euclides da Cunha (BA). Aos 7 anos mudou-se para a cidade de Feira de Santana junto com sua mãe onde vive até hoje. Participou de vários projetos, mas foi quando conheceu o projeto NEOJIBA que despertou o interesse em estudar música. Foi bolsista por muitos anos no núcleo em feira de Santana, e dessa experiência como bolsista fez o vestibular em licenciatura em Música na Universidade Estadual de Feira de Santana. Desde então, é estudante no curso de licenciatura em música e bolsista no projeto de extensão sons e teclas na UEFS.

Caminhava ainda um pouco sonolento em direção ao teatro, era uma noite fria, e como de costume, não havia dormido muito bem na noite anterior, os fins de semana de Pedro costumavam ser bastante cansativos, como se já não bastasse as preocupações que lhe consumiam a mente durante a semana. Demonstrava logo a qualquer um que passasse por ele o cansaço de um corpo que custou a sair de casa naquele dia. Tentava segurar a exaustão enquanto ainda caminhava lembrando o quanto precisava realizar o concerto daquela noite.

Pedro era um rapaz jovem, com um sonho de ser músico desde pequeno, apesar de nunca ter tido a influência de músicos na família, sempre se inspirando em seus ídolos.

Cresceu e conseguiu realizar o seu sonho, mas as dificuldades do dia a dia acabavam muitas vezes, tornando isso algo cansativo. E aquele era um desses dias cansativos para Pedro.

Chegando ao teatro, olhou para o relógio e percebeu que estava um pouco atrasado, os músicos já estavam subindo ao palco se preparando para começar o concerto. Olhou em volta ainda um pouco perdido, pois apesar daquele lugar parecer com os outros teatros em que já esteve, ainda não o conhecia. Era grande, com cadeiras em um tom de vermelho, que pare ele pareciam bastantes confortáveis. Enquanto se distraía com o ambiente, ouviu de longe uma voz lhe chamar, olhou para trás e deu um suspiro de alívio ao encontrar com Esteban, seu amigo e companheiro de shows.



— Pedro! Porque demorou tanto? Está atrasado! Já fizemos a passagem de som e o maestro não está nem um pouco feliz com o seu atraso, melhor subirmos logo para tocar.

Pedro nem questionou o amigo e foi logo se apressando para subir ao palco e dar início ao concerto.

O silencio tomou conta daquele teatro imenso, e Pedro, mesmo um pouco mais no fundo do palco, pode notar as cadeiras todas cheias, com uma plateia ansiosa esperando pela estreia do concerto. Não era a sua primeira vez, e apesar do frio na barriga que sentia junto com o cansaço do fim de semana, ele se sentia pronto para começar. O maestro deu então o sinal. Estavam todos com instrumentos já posicionados, foi dado início a apresentação.

O concerto começou, e já na primeira nota, Pedro percebeu o olhar de Estaban de desespero para ele. Foi quando ele se deu conta do problema que havia arranjado. Com todo aquele cansaço e o atraso para chegar ao teatro, acabou se desatentando aos cuidados básicos com seu violino. Logo, todos os instrumentistas haviam notado o som destoante que saía do instrumento desafinado de Pedro. Foi quando pensou ali consigo mesmo ainda em estado de pânico, como pôde deixar passar o que era básico?

A tensão tomava conta de Pedro naquele momento, o frio na barriga agora era por um motivo diferente, seu corpo suava e tremia tentando pensar em uma solução o mais rápido possível. Não havia muito o que fazer, o desespero e a culpa por ter se descuidado tomavam conta dos pensamentos dele naquele momento.

Logo ele se deparou com os olhares do maestro percebendo que havia algo de errado, o que o deixou ainda mais pressionado a tomar alguma atitude. Seu amigo olhava com tom também de preocupação, queria poder ajuda-lo com a situação, e Pedro agradeceria muito por uma ajuda naquele momento, se sentindo ainda mais pressionado com o olhar de desprezo dos outros a sua volta.

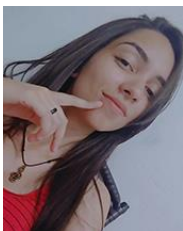
Pedro encarava a plateia cheia, enquanto pensava com ele mesmo, será que haviam percebido? Ele não podia ter desapontado ao público que pagou por seus ingressos e tanto tinham esperado por aquela noite. Não podia ter desapontado ao maestro que com tanto cuidado regia a orquestra. Não podia ter desapontado a si próprio! Que tanto havia se dedicado, para por fim, ser rendido ao descuido e o cansaço.

Aquele momento parecia durar uma eternidade, mas em meio ao desespero e os olhares de quem o acompanhava, ele rapidamente pensou em uma solução. Não tinha como pedir que parassem para que pudesse afinar seu instrumento. Era obvio. E também não tinha como afinar no meio do concerto, enquanto todos tocavam. Ia soar mais estranho ainda. Ele decidiu então que seria melhor não mais tocar.

Ainda com muita dificuldade, o coração acelerado e o suor pingando, que nem o ar-condicionado do teatro ajudava mais, Pedro se recompôs. Ele podia ao menos fingir que algo estava dando certo. Naquele momento foi a melhor solução que pôde arranjar. Já que não seria conveniente continuar tocando com o violino desafinado, nem ao menos se retirar do palco no meio do concerto, optou por

continuar com o instrumento em mãos fingindo que ainda tocava.

E assim permaneceu até o fim do concerto. Pedro já não era mais o foco em meio aos músicos, nem ao menos o público havia notado o que tinha acontecido. O nervosismo aos poucos ia sumindo, restava apenas a decepção com ele mesmo. A plateia continuava encantada com a orquestra. Estava com o seu instrumento desafinado, mas ninguém podia escutar. Não estava mais atrapalhando e nem chamando a atenção de mais ninguém naquele lugar. E assim Pedro terminou o concerto daquela noite, aos olhos do público ele estava o tempo todo tocando.



Débora Rodrigues Silva Britto, nascida em Feira de Santana (BA) e baixista da banda Navelha, é estudante do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bastante envolvida com o curso, foi bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência da UEFS. Pretende seguir na área de ensino, e também como artista. Apesar de se considerar tímida, justamente a cena artística desenvolveu seu lado desinibido. Além de baixo, toca violão, teclado e ukulele. Gosta de cantar e tem vontade de aprender percussão. Um de seus objetivos de vida é seguir na área acadêmica lecionando, e continuar com sua banda de rock alternativo. A marca de sua vida já está tatuada na pele: uma clave de sol e uma de fá.

Ao professor Humberto.

*“-Respiração controlada...  
Prepara... Prepara mais... Vai ficar  
tudo bem... Eles fazem isso todo  
dia, certo? Não deve ser tão  
difícil... Não pode ser”.*

Ele atingira a maioridade ontem. Então, hoje é o primeiro dia em que terá a honra de se juntar aos mais velhos na cerimônia de anunciação da manhã. Suas penas já não são apenas pelugens, seu bico não mais frágil e indefeso, mas esguio e rígido. Ele tremia ao sereno dessa manhã de domingo, era uma ave de pequeno porte. Criado pelos avós maternos, seus pais haviam sido capturados por caçadores quando ele ainda era filhote. Crescera acostumado a regalias... Adia tudo, não

aceitava ter que amadurecer. Vivia sua vida dia após o outro, não mais que isso.

Ele se deparava agora com um novo desafio – talvez o primeiro da sua vida: Se juntar aos animais da floresta para o coral cerimonial, que diariamente reproduzia cânticos de celebração ao nascer do sol, ajudando a embelezar a floresta e acordando os outros animais, cumprindo, assim, ritual milenar que fora estabelecido sabe-se lá por quem... Mas essa era a honra em ser pássaro. Na floresta, havia animais de toda espécie, cor e timbre de voz. Todos eles pareciam ter passado a vida se preparando para as responsabilidades da maioridade. Ele permanecera-se em negação: Faltara a quase todos os ensaios para o grande dia. Ele tremia de suor frio – E não era pra menos... Fora avisado: Uma nota desafinada e, pelo desrespeito, estaria fora do ritual, correndo risco de ser banido da floresta após julgamento no tribunal.

E a hora chega... Ele se acomoda em um dos galhos principais do eucalipto em que reside. Espera apenas o sinal do maestro – tucano mais



experiente do povoado –, que se posicionava no galho mais alto para poder ser visto e vigiar todos do coral.

“-Respiração controlada... Prepara... Prepara mais... Vai ficar tudo bem... Eles fazem isso todo dia, certo? Não deve ser tão difícil... Não pode ser”.

Não há mais volta: O maestro anuncia a primeira nota, todas as aves do povoado se ouriçam, estufam o peito e produzem o canto dos pássaros mais lindo que já se ouviu... Ou... Pelo menos, parecia ser o mais lindo de todos para ele, que invejava a todos por suas vozes, e, ironicamente, percebera, ao tentar projetar o primeiro compasso da melodia principal – que consistia em uma bordadura e uma escapada –, que sua voz não estava soando limpa. Naquela manhã, acordara rouco e não percebera até então. Não tinha muitos amigos e nem era conversador... Acordara e fora diretamente para o local da cerimônia, não cumprimentando ninguém... Não dissera uma só palavra em voz alta, até então, para que pudesse perceber que sua voz estava falhando. E essa seria a primeira

vez que sua falta de cordialidade – ou de amizades –, o prejudicaria.

A música seguia compassada e ele não sabia o que fazer. Segundo sistema, cadências, floreios... Sua voz remetia ao canto de uma cigarra fanha – o que seria útil na matinê, mas não agora. Ele está desesperado. Esse era o único e primeiro evento verdadeiramente importante do qual ele estaria participando. Ele não podia pedir pra ninguém fazê-lo por ele – como de costume. Era ele, e só ele, que poderia executar a tarefa e garantir seu bem estar e permanência no povoado em que nasceu. Só ele poderia ter salvado a si mesmo. Não havia regalias ou manhas, não havia mais cartas em sua manga. Não havia choro, chantagem nem capricho que pudesse mudar sua situação.

Ele experimentava ansiedade pela primeira vez, e não gostava de amargo pela manhã – sua vó sempre adoçava bem seu café. Ele revivia toda sua trajetória até aqui, todo tempo perdido, toda decisão adiada. Arrependia-se. Não fora aos ensaios, não

aprendera sobre respeito, nem sobre inclusão ou tolerância. Apenas aprendeu a adiar e a procrastinar... Os únicos que o amavam eram seus avós, aos quais ele aprendera a ignorar com o passar do tempo. A realidade batia na porta e ele nunca atendia. Agora, ela parecia ter obtido a chave, e batia em sua face. Seus pés, antes relaxados no galho do eucalipto, agora se enrijeciam. Ele abria e fechava o bico, a cigarra aparecia e escondia-se. O maestro ouvira algo estranho à melodia principal, mas por sorte não havia percebido ainda a maçã podre de seu coral.

Ele arrependia-se ainda mais a cada compasso. É engraçado perceber o quão rapidamente um único evento pode mudar completamente a nossa noção de vida... Ele não sabia o que fazer. Não sabia se estava vivo ou apenas existindo, respirando ou desperdiçando o ar dos outros. Ele negava a própria luta, guardava sua acidez em seu peito e seguia sua existência torcendo diariamente pela chegada prematura da noite, aguardando ansiosamente a hora de dormir. Seu desafio agora era real, era como seu despertador, mas

dessa vez não havia função soneca. Ele dava-se conta de que não passara sua vida até então adiado apenas compromissos, mas adiando a si mesmo e seu próprio viver.

Naquele momento, em que a peça seguia para o compasso 37, ele não possuía certeza de muita coisa, mas sabia que seu destino era seu, e de mais ninguém. Não houve guerra, não houve sangue derramado, não houve drama ou nenhum evento de grande porte para tais reflexões serem catalisadas. Nem houve nenhuma catástrofe, pois ele optou por não cantar ao invés de insistir no solo da cigarra.

Naquele momento, sua percepção da realidade foi mudada. Seu comportamento, hábitos e noção de importância do respeito mútuo com certeza precisarão de algumas lapidações futuras, mas pode-se dizer que um primeiro passo foi dado. Ele percebera a vida e o tempo.

Talvez, essa seja a magia da cerimônia. Talvez, ao fim da mesma, seus avós e maestro fiquem orgulhosos e satisfeitos apenas por ouvi-

lo relatar suas reflexões e novas percepções, pois sabiam desse suposto sentido da cerimônia: Fazê-lo refletir acerca da sua vida e sua maneira de se portar. Eles permitiriam sua permanência ali, compreenderiam suas questões pessoais e o concederiam outra chance de se mostrar útil ao povoado, exigindo apenas algumas mudanças em seu comportamento.

A outra possibilidade é que, ao findar da cerimônia, ele seja banido do povoado e mandado pra outra floresta. Ele não tinha certeza, pois nunca se interessou nas políticas de sua sociedade, nem na sua própria legislação, nem na sua família, nem em fazer amigos... Ele nunca se interessou.

Agora... O que resta é esperar a cerimônia acabar.

Ironicamente, agora, o que resta é esperar.



Evandro Mattos Rocha nasceu no dia 26/08/2001, em Feira de Santana - BA, onde reside até os dias atuais. É estudante do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Feira de Santana, através do qual participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Evandro teve suas primeiras experiências com a escrita autoral durante o ensino médio, quando produziu seus primeiros poemas. Atualmente, tem trabalhado em e-Books, reunindo poesias e prosas autorais.

## Cadê Tereza?

Gabriel Bastos Macêdo

---

Desde os trezes anos Tereza sabia o que era lavar roupas que não as suas. Após o infarto da dona Lúcia, sua mãe, não lhe sobrara nada além de um barraco a desmoronar, ali na ladeira torta da Cidade de Deus, algumas dívidas e um futuro incerto para alguém que não tinha nada nem muito sabia.

Nessa cidadezinha turbulenta que é Feira de Santana, teve de descobrir por meios amargos que a infância é pouco doce e que a merenda da escola não satisfaz o restante do dia. Lavava de início as roupas das vizinhas que mais iam com a sua cara, um pouco menos pobres, sempre exagerando no cuidado para entregá-las perfeitamente limpas, caso contrário recebia tapas e não dinheiro. Quando chegava em casa, tarde da noite, seus braços nunca pareciam capazes de sustentar o peso do lápis e sempre que pegava um livro, adormecia sem passar da admiração da capa.

Cresceu assim: lavando demais, cansada demais, sem muito tempo. Lembrava ainda que gostava de cantar pagode no chuveiro, mas já não sabia mais fazer isso, deve ter perdido o jeito. Aos dezesseis, cresceu então sua luta, sua pena, seus choros, seus braços cansados. Lavava agora pra gerentes de banco, pra empresários, pra magnatas. Tentava sem ânimo terminar o ensino fundamental, os meninos já a achavam curva, burra, mas ainda peituda, bunduda, bonita.

– Ô, Terezinha, mas que roupas limpas! Você sempre impecável! – Diziam.

E assim passou da lavanderia pra cozinha, pras diversas salas, todos os banheiros. Aprendeu gosto por cozinhar pra rico. Sua mania de sempre botar dendê em tudo, sua mão boa, o sal do seu suor sempre no ponto. Ficou famosa em todas as casas por quais passou, pelo seu Ipeté gostoso. Tinha mãos de baiana, diziam, mesmo novinha demais.

Logo conheceu Geraldo, amigo de escola, tão atrasado quanto ela, trabalhava pertinho de dona Graça, sua patroa, parecia



direito apesar da cachaça excessiva. Papo manso, filho de Exu, já tinha 20 e uma facada nas costas. De sorriso farto,

lábua suculenta, ganhou Tereza que já muito entendia de amores e tesões e nãoos que viram sim.

Do gozo preso nasceu Joaquim, e o muro do quintal ainda nem tinha sido erguido. Faltava dinheiro, leite, emprego, começou a faltar amor e tesão também. Demitido continuamente dos trabalhos, Geraldo saiu com a notícia doce de que tinha encontrado um emprego em Salvador e que voltaria trazendo fraldas. Mas não voltou. E desta vez Tereza não se viu só: Joaquim lhe alertava o tempo todo que ele estava ali presente, reclamando fome. Faminta também, o levava no braço para cima e para baixo, limpando, cozinhando, descendo a ladeira do Centro de Abastecimento para comprar inhames pra fazer seu famoso Ipeté pros terreiros da cidade.

Depressa demais Joaquim foi crescendo, falando, gingando da mesma forma ordinária que o pai, mas danava também na leitura, na

conversa mansa, no gosto pela liberdade e pela arte. Conheceu Feira de cabo a rabo antes dos dez anos, sabe-se lá como. E Tereza vivia na mesma, um tanto mais enrugada, mais sóbria, mas também cheia de amor por aquele pequeno que ela sabia que tinha algo além, embora não tivesse tempo pra saber bem o que, pra estar presente. Só sentia um calafrio toda vez que ele abria a boca; que uma vizinha chegava xingando-o por pular seu quintal pra roubar frutas; que a escola lhe cobrava a presença na tal da reunião de pais. Não sabia ser presente, nem podia. De segunda à sexta nas casas alheias e nos finais de semana descascando inhame e preparando Ipeté. Joaquim se virou só.

No bairro em que viviam, constantemente via ao sair de casa pro trabalho – e sempre saía muito cedo – corpos de garotos tão parecidos com o de Joaquim estirados na calçada. Começou a lhe inquietar o futuro de seu menino. A escola não o guardava tempo o suficiente, tinha de tirá-lo da rua. Não tinha dinheiro para clubes de esportes, para teatro, não tinha dinheiro pra nada. Até que voltando

pra casa no ônibus do Aviário, entre um cochilo e outro, soube de uma aula gratuita de instrumentos musicais. Que sonho seu menino ser músico!

Chegou em casa apressada, foi logo lhe inscrever.

Joaquim via todo o esforço daquela mãe que ele sabia que nunca encontraria outra igual. Nunca soube de pai, de família, deles só retinha os sobrenomes. Queria poder passar mais tempo com sua mainha, queria fazer-lhe uma música. Então quando soube que iria ter aulas de instrumentos, se animou todo, foi com tudo. Aprendeu violão em semanas, dominava a flauta e chegava sempre assoviando pra Tereza. Ela, claro, se desmanchava em lágrimas.

– É de Jorge Ben Jor, mainha. Sabia que o nome é Cadê Tereza? – Perguntava com os olhos úmidos.

– Tu vai ter que tocar ela pra mim algum dia. Assovia mais um pouquinho, vai.

Ficou mestre mesmo foi no pandeiro e no berimbau. O menino encantava os professores, as vizinhas, tinha o dom de acalantar e distribuir gargalhadas. Por influência convenceu os professores a promoverem um festival no centro cultural do bairro onde tinha aulas. Dentro do peito, além da farra, guardava a vontade de finalmente sua mãe ter um motivo pra ir lhe ver tocar. Pensava nela finalmente sentada lhe escutando, não correndo contra o tempo, contra a fome dos dois.

De cenário à orquestra, Joaquim foi à frente de tudo. Os professores, animados pelo poder da presença do menino, não imaginariam a algazarra que ele preparava. Com os outros alunos das aulas, organizou um número musical, queria cantar e tocar a música de Jorge Ben Jor pra sua Tereza e tinha de ser lindo. Alastrou o fuxico do evento nos becos e nas bocas do bairro. De convite na mão, esperou Tereza chegar exausta do trabalho. Parecia mais velha, mais cansada ainda, mas quando soube que seu filho iria tocar e cantar uma música, não sabe como mas conseguiu sorrir de verdade.

Mas como avisar pra dona Ana, patroa tão boa e de longa data, que iria faltar pra assistir a apresentação de seu menino?

Saiu cedo, chegou lá contando toda orgulhosa:

– De mãe pra mãe, dona Ana, amanhã eu venho e limpo. É só hoje. Eu juro – Pediu enérgica

– Que besteira, Tereza, tu já está aqui. Preciso dessa casa limpa hoje, meus filhos estão chegando de São Paulo. Vai já fazer teus afazeres, mulher. Tu sabe como emprego tá difícil hoje em dia, né? – Com o violão na mão, Joaquim esperou assim como todas as mães dos alunos, professores, amigos, vizinhos, por Tereza. Mas já tardava, e tinham de adiantar as coisas. Cadê Tereza?

– Vai ter que começar, Joaquim. Não tem jeito. – Admitiu o professor, já impaciente, com a camisa suada colada ao corpo, com mais duas escolas pra lecionar no dia pela frente.

Com o coração moído, miúdo, Joaquim iniciou de lágrimas nos olhos a

canção, pesando a mão no instrumento, teso, o olho duro na porta à espreita. Não conseguia ver mais ninguém. Tudo ali que cantava lhe doía, lhe rasgava. Sabia que pra ter o que comer mais tarde, ela teria que ficar em seu trabalho. Cantava mesmo sem vontade, quase falho.

Quando, do outro lado da sala um balançar de mãos lhe chamou a atenção, se deparou então com Tereza com sua sacola de inhames na mão, a roupa gasta, os olhos em inundações, encostada na janela, querendo avisar um “estou aqui”. Desafinou, engoliu seco. Os moleques vaiaram, um “ahhhh” unísono em lamento corria pelo espaço e pelas bocas das senhoras. Piscando os olhos pra ver se era ela ali mesmo, quando confirmou mal pode sorrir e recomeçou a cantar a música com tamanho talento e vontade que atraiu a atenção até dos ratos da esquina e até eles compareceram entre as pernas numerosas.

Do outro lado do salão, Tereza não sabia bem se chorava pela presença linda do seu menino, cantando e tocando tão bem,

esperançosa pelo seu futuro, ou se pela certeza de amanhã ter de sair ainda mais cedo pra procurar um novo emprego.



Gabriel Bastos Macêdo, 22 anos, mais conhecido íntima e artisticamente como Gabiru, natural de Itabuna, mora em Feira de Santana há muitos anos. Filho da Escola Pública, estudante de Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Feira de Santana, escreve desde a adolescência mas só nos últimos anos vem trazendo a público seus escritos. Até 2021 pretende publicar o seu primeiro romance intitulado "Domingas", o qual já disponibilizou, gratuitamente, o primeiro capítulo na internet. "Cadê Tereza?", conto escrito para a disciplina optativa de Literatura e Cultura Popular, ministrada pelo professor Humberto Luiz Lima de Oliveira, nasceu no primeiro semestre de 2020. Instagram: @alcoice



Deitado na cama, em seu pequeno quarto de hotel, Arthur olhava fixamente para o teto. Estava cansado, pois vinha tendo muitos pesadelos ultimamente. Dormir não era tão fácil como há uma semana atrás, quando, no ensaio, o maestro declarou que ele seria o Spalla, já que André, o atual Spalla, sofreu um acidente e não poderia comparecer.

Passou noites e dias ansioso, estudava a maior parte do tempo, tinha calos nas pontas dos dedos e já havia decorado todas as músicas.

Repentinamente, seu celular começou a tocar a música Primavera, das Quatro Estações de Vivaldi. Era então seis horas da manhã do dia vinte e oito de fevereiro, um sábado. Sua mãe ligou, avisando o horário que chegaria ao

aeroporto. Sim, sua família e amigos estariam assistindo sua primeira apresentação na Europa como Spalla. Viria até mesmo seu pai que, ao contrário de sua mãe, não o apoiava, vivia dizendo: “música não é profissão”. Sua avó dizia que isso era ressentimentos do passado, pois o avô de Arthur, já falecido, era violinista e, quando voltava de um ensaio, sofreu um acidente que gerou uma paralisia no braço não pode voltar a tocar.

Sua avó continuava apaixonada por música clássica, foi com seu incentivo que entrou aos oito anos para as aulas de violino, no projeto Guri. No início, estudava com um violino para iniciante- Eagle depois de meses de estudo, entrou para uma pequena orquestra da cidade e sua avó, notando seu amor pelo instrumento, lhe presenteou com o violino que tinha sido de seu avô. Ficou extasiado quando viu! Um Gewa, do ano de 1926, feito de madeira escura e, apesar de ter várias marcas de

uso, tinha uma sonoridade impressionantemente aveludada e uma afinação precisa. Esse violino tinha um grande valor sentimental, então sua avó o fez prometer que nunca iria se desfazer dele, então Arthur com toda sinceridade de uma criança, prometeu que cuidaria e tocaria com ele por toda a vida.

Arthur levantou-se da cama com um salto, não poderia perder tempo lembrando desses fatos antigos, precisava se preparar para o último ensaio antes da apresentação. Não sabia porque estava tão ansioso, tinha vinte e cinco anos, havia desejado muito esse momento... Isso nada mais era que o resultado de anos de estudo.

Depois do ensaio, resolveu tocar uma última vez, ajustou a afinação para aquela que lhe agradava e, para tranquilizar-se, tocou algumas músicas que gostava, desde a infância.

Quando terminou, era hora do almoço e já deveria ir ao aeroporto.

Assim, o dia passou rápido. O concerto seria às dezoito horas, uma hora antes, checkou se o violino estava guardado no kaiser. Conferiu sua roupa e o sapato social pretos, estavam limpos e passados. Tudo estava perfeito.

Já no camarim, com o violino pronto, passou a afinação dos violinos, fez os ajustes que precisava e esperou todos se arrumarem. Entrou no palco, como o Spalla ergueu o violino, apoiou-o no ombro e tocou um Lá, a nota de afinação. Os violinos no palco soaram em resposta, os baixos e violoncelos já tocavam as cordas e mudavam sua afinação, o ambiente enchia-se de acordes enquanto os músicos checavam e ajustavam a afinação de seus instrumentos. Logo, soou o oboé que já tinha achado sua afinação e os instrumentos de sopro,

por conseguinte logo responderam. Ele percebeu então que em razão de seu nervosismo e preparações tinha esquecido de ajustar a afinação do violino à da orquestra.

Pouco depois, o silêncio preencheu o ambiente. Arthur estava tomado pelo nervosismo, a orquestra toda estava afinada igualmente a seu violino desafinado! Pensou então o que seria dele depois dessa apresentação. Parecia ter congelado, não tinha reação, se questionava o porquê de nenhum dos músicos perguntar sobre a afinação diferente, não daria tempo de afinar novamente a orquestra toda, pois o maestro já estava entrando, a plateia estava de pé, aplaudindo.

"Acalme-se, acalme-se!", pensava ele. Estava suando como nunca, suas mãos escorregavam ao pegar no violino e aquela roupa não ajudava em nada. Enxugou as mãos nas calças, apoiou o violino, segurou o arco

como de costume e se preparou para tocar a primeira música: Romeu e Julieta de Tchaikovsky.

O maestro estava sério, em pé, de frente para a orquestra, os cabelos grisalhos, penteados alinhadamente para trás, usava um terno preto que nunca o vira usando antes. Em silêncio, observou os músicos, com os olhos grudados nele, prontos para começar. Levantou a batuta, desceu-a e a música começou.

A música começava lenta e suave e assim que soou os primeiros acordes o maestro olhou-o. Era impossível que não percebesse, a afinação estava errada e não podiam mais parar, o máximo a fazer era tocar o que estava na partitura, sem erro.

Os músicos ignoraram a afinação, a música fluía e os instrumentos trabalhavam todos juntos, como se fossem um só e fizessem

parte da história de Romeu e Julieta, contando toda as alegrias e tristezas, as brigas das famílias.

A flauta sobressaía, depois dava espaço a harpa e iam caminhando juntos. Ainda assim, o maestro não estava feliz, ficava cada vez mais vermelho. Arthur resolveu que para conseguir tocar bem, precisaria esquecer o maestro, esquecer o desastre e concentrar nas notas como tinha feito tantas vezes na infância.

Sentiu-se como se tocasse junto com o disco de sua avó, os violinos tocavam e as flautas respondiam, se entregou de corpo e alma àquela música, recordando de todas as dificuldades para chegar até ali.

Os dedos dançavam sobre as cordas, o corpo embalava junto a música. Arthur sentiu a paixão do casal e a tristeza de serem separados, tocou os pianos com delicadeza e os fortes com intensidade e a orquestra continuava

trabalhando junto, deslizando para um grande final.

Os tímpanos fizeram um crescendo, enquanto isso, o maestro baixava os braços com toda força e os violinos e violas puxavam o arco sobre a corda de uma vez. Os instrumentos faziam semínimas e colcheias. Logo em seguida, uma nota longa. O maestro fez um movimento com as mãos e todos os instrumentos pararam, os violinos com arcos erguidos e o restante da orquestra com instrumentos posicionados e respiração presa. Finalmente, o maestro abaixou os braços, arrumou os cabelos bagunçados e todos relaxam, fez um sinal com as mãos e virou para a plateia, os instrumentistas levantaram-se, a plateia os olhava fixamente, Arthur respirou fundo e curvou-se com o restante da orquestra, e a plateia estourou em aplausos desgostosos.



Arthur se perguntava se estava realmente ali naquele palco, não acreditava ter sobrevivido àquela experiência. Com o canto do olho, viu que o maestro fazia um leve sinal que passara despercebido ao restante das pessoas, lhe chamava para fora do palco. A realidade era cruel, não tinha esquecido seu grave erro, começou a tremer e suar lembrando do olhar de reprovação do maestro, era o mesmo que seu pai lhe dirigia, antes da surra, quando pequeno, fazia algo errado. Então, saiu em direção aos bastidores. Sua agonia era tamanha que mal conseguia andar, quando parou em frente ao maestro, acordou, estava todo suado, enrolado nos seus cobertores da cama, em seu pequeno quarto de hotel. Respirou fundo, aliviado e feliz, riu daquele episódio, sentou-se na cama, olhou seu celular... era dia vinte e oito de fevereiro, às seis da manhã e sua mãe, agora sim, estava ligando.



Gabryelle de Lima Pereira nasceu no dia 2 de março de 2000 na cidade de Serrinha-Ba. Estudante de licenciatura em música na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) onde foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). É saxofonista na banda filarmônica 30 de Junho, monitora de iniciação musical e regente da orquestra de flautas doce "arte do sopro".

Era uma manhã comum em uma pequena cidade comum. Uma praça se localizava no centro, como de costume, e nela continha uma igreja. Logo ao lado, um barzinho é claro, e todas as casas foram construídas ao redor da praça.

Naquela dia porém, um assunto diferente rolava pela boca do povo, o pequeno filho da cidade que tinha ido embora para estudar música estava retornando, mas não apenas isso, ele iria fazer uma pequena apresentação como forma de agradecimento para aqueles que o apoiaram e também uma provocação aos que duvidaram que ele venceria na vida com a música.

A cidade estava em festa. Tinham até construído um palco para esse momento, acredita? Pois, acredite! Arrumaram de banco da praça à porta da casa. Cada arvorezinha

tinha uma faixa toda decorada por notas musicais. Parecia que era uma superfesta muito aguardada pela cidade que estava prestes a acontecer.

Se bem que era mesmo. O pequeno Francisco tinha sido o primeiro artista daquela cidade, se você não contar com os bêbados, cantando pelas madrugadas, né?

E havia chegado, finalmente, havia chegado o dia. Francisco levantou certo de que iria fazer uma apresentação incrível de deixar caras de espanto e bocas abertas. Ele havia escolhido sua melhor roupa, seus melhores sapatos, tinha até cortado o cabelo.

Parou em frente ao espelho, olhou-se e suspirou dizendo: "tu conseguiu, moço. Tu é artista!". Cumprimentou a todos da casa e partiu para o banho sem nem pensar duas vezes. Tinha que ficar impecável.

Então tinha chegado. Era o grande momento. Nada naquele dia poderia dar errado.

Devidamente pronto e perfumado, pegou seu violino, Bino, como ele havia batizado. Era o seu melhor amigo, o Bino. Já tinham passado por maus bocados juntos.

Todos estavam ansiosos por aquele momento. Várias cadeiras foram organizadas em frente ao palco que havia sido construído. Curiosos para saber o que estava por vir. Alguns estavam maravilhados com toda aquela situação, outros, invejosos.

Convenhamos que sempre tem aqueles que odeiam o sucesso dos outros, não é mesmo?

Mas a questão era: onde estava o artista?

Nervoso, com o coração acelerado, lá estava Francisco, com o seu melhor amigo ao lado. Bem vestido, obviamente, com um sorriso que iluminava toda a praça. Faltava pouco para o grande momento. Um cenário havia sido feito para dar todo um drama à apresentação.

Então, finalmente, lhe foi anunciado que entrasse. Um senhor gorducho de bochechas avermelhadas pelo calor que estava fazendo naquele dia, disse em alto e bom som: "Que entre o nosso artista!". E não ficou uma alma viva sentada naquele momento. Todos se levantaram para aplaudir o artista. Era uma festa que só.

Francisco por sua vez estava orgulhoso. Não cabia em si de felicidade. Havia chegado o grande momento de dar o orgulho que a sua mãe sempre esperou, pensava ele.

Sentou-se no seu lugar. Ajeitou-se. Suspirou.

E foi então que parecia que o tempo havia congelado. Seu coração que antes estava batendo de emoção e alegria, agora estava quase pulando pra fora do peito de medo e nervosismo. Tinha ele esquecido de afinar seu instrumento? Não era possível. Ou era?

Não havia jeito, era nítido que algo estava errado. Seu instrumento estava errado.

Olhos intrigados o encaravam, o que deixava tudo mais complicado de lidar. “O que estava acontecendo com o artista? Havia desaprendido a tocar?”, pensavam as pessoas.

Era o fim. Justo na sua primeira apresentação para a sua casa? Uma lástima. Tudo estava perdido. Sua vida havia acabado. Era o fim do artista.

Pensou uma, duas, três vezes e nada. Nenhuma ideia. Sua mão suave tanto que chegava a pingar. Até suas roupas lindas lhe pareciam sufocantes.

E de repente escutou-se um barulho, o teto do palco veio a baixo, todo mundo correu, a mãe de Francisco gritou pelo filho e Bino se partiu.

E há quem diga que tudo fazia parte do show.



Luiza Ludmila de Oliveira Martins, ou apenas Luiza Martins, é uma estudante feirense de Letras com Língua Francesa da Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente com 19 anos, possui uma grande vontade de ser escritora, porém sem coragem para publicar suas criações, não deu nenhum passo à frente nesse sonho. Começou a faculdade muito jovem, com apenas 17 anos, mas nunca teve dúvidas de que línguas é a sua área. Uma grande amante de livros fantasiosos, românticos, assustadores e cômicos.



Sentimentos estranhos me assaltaram naquele momento. Meus dedos paralisaram e nada mais ecoava no espaço. Só a memória retumbava, ressoava. Escuridão... Mas, se ainda não é noite? A possibilidade de sair vivo dali era um martírio.

Que se parta meu crânio ao meio. Um tiro certo no meu peito. Um ataque fulminante. Não! Tem que ser algo trágico, sobrenatural, quase místico, e que se sobreponha àquele acorde que escapou dos meus dedos, rebelde, anarquista. Rebelou-se contra mim, seu dono, amante.

Agora! Precisa ser agora! Neste instante, o raio, a bala, a veia que se arrebenta. Os olhares me fulminam e revelam as notas rebeldes, desordeiras. Quase se mostram a mim. “- Aqui estão!” Oh! Horror!

O instrumento não responde. Meus dedos percorrem as cordas, dedilham, acariciam as cordas que não gritam. O suor escorre pela minha face. Doem os músculos entorpecidos. Silêncio... Escuridão...



Maria Julia Souza Silva nasceu em Feira de Santana em 1973. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atualmente, cursa

Letras Vernáculas nesta mesma instituição

Em uma tarde ensolarada de quinta-feira, estava ali Zé Pereira, no centro da cidade, trabalhando na feira. Zé era um sujeitinho azarado, que nunca teve sorte na vida, já não bastando isso, ele também era perdidamente apaixonado pela Maria Juliana, a moça mais bela da cidade e a mais desejada entre todos os homens.

Naquele dia, para a surpresa do rapaz, a jovem donzela que nunca lhe dava bola, o vê sentado à beira da estrada, dedilhando as cordas do seu violão. E esse dedilhar era acompanhado de uma voz doce, suave e muito bela, por sinal. Encantada com o que estava a ver e sabendo dos sentimentos que havia no coração do jovem moço, Maria Juliana teve uma ideia. E assim disse para ele:

— Zé, se você deseja tanto o meu amor, componha para mim uma canção tão bela quanto essa que estava a tocar. E assim, quem sabe, você possa conquistar o meu coração.

Naquele momento, Zé Pereira ficou atônito, sem palavras, quase lhe faltou a respiração. Assim que retomou o fôlego, exclamou:

— Mas é claro, Maria Juliana, você é a moça mais formosa que eu já vi. Vou provar isso pra você!

Então Zé Pereira deixou de lado a feira, pegou o violão e o cachorro de estimação, colocou-os dentro da carroça e tomou o caminho de volta para casa. Muito alegre e satisfeito, percorreu todo o caminho cantando a sua costumeira canção:

— Parece que a sorte sorriu pra mim, hoje vou me dar bem sim...

Ao chegar em casa, não contou instantes, foi correndo para o quarto, pegou um caderninho - nele costumava escrever os

sentimentos que nutria pela Maria Juliana - e começou a escrever. Passou a noite inteira em claro e, assim que o sol raiou, pegou o caminho de areia de volta para a cidade.

Chegando em frente à janela do quarto da Maria Juliana, ele grita afoito e ansiosamente:

— Juliana, apareça, venha ouvir a canção que eu fiz para você.

Ela sai à porta, Zé pega o violão e, quando dá a primeira nota (que era um mi), percebe que esquecera de verificar a afinação.

— Mas como pôde se esquecer disso, Zé Pereira?! Sabendo que a sorte não era sua companheira e tinha usado apenas o caderno e a caneta, esquecendo-se do violão! Pensou Zé, angustiado.

A declaração de amor foi um desastre e a sua paixão ficou decepcionada. Os sentimentos do Zé não puderam ser expressos através da canção, mas ainda assim, ele continuaria tentando conquistar a bela amada



da mesma forma que buscava alcançar a proeza de ser um jovem cantor.

Samilli Cerqueira

É aluna do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Feira de Santana

Era uma noite de quinta-feira, quando eu estava pedalando rumo ao local da apresentação. Violão nas costas, paleta no bolso... Tudo certo para a apresentação que estava por vir. Os membros da banda disseram que o show aconteceria às vinte e três horas, então eu tinha que acelerar os passos, pois me faltavam apenas alguns minutos.

No decorrer do caminho, percebo que o clima começa a ficar deveras pesado, conforme eu me aproximo de um pequeno povoado a caminho do evento. Um pequeno bairro pacato no qual a população não devia ter mais de cinquenta pessoas. Havia uma pequena praça no centro da comunidade onde se encontrava boa parte do comércio. Para mim, estava tudo certo até então, porém, comecei a

reparar que não havia ninguém nas ruas daquele lugar. Pensei comigo mesmo que talvez fosse por conta do horário, ou pelo fato do show estar prestes a começar, mas logo após as questões surgirem em minha mente, eu avisto uma silhueta em meu caminho.

Aparentemente, era um senhor encapuzado, morador local, eu supus, que está levando seus gatos para passearem. Avistei-o perto de uma pequena estrada estreita onde eu deveria passar para chegar à estrada principal rumo ao show. Porém, a neblina estava forte e eu não conseguia ver muito além de sua silhueta em meio àquela estrada. Aproximando-me daquele senhor, percebo que a imagem dele estava começando a se mostrar mais claramente para mim, porém até eu chegar nele um som me chamou a atenção. Olho para trás e percebo que uma caminhonete se aproxima de mim. A partir daquele momento, eu fiquei em pânico, pois a



velocidade dela estava aumentando, e como aquela estrada era estreita demais, não tinha para onde eu ir.

Olho para frente e reparo que o velho senhor não estava mais ali. Por um momento, fiquei intrigado, afinal, não tinha como um idoso naquela idade ter saído tão depressa daquele caminho naquele estado, afinal, só tinha um caminho que era seguir em frente, até a saída. Porém, logo depois, esse sentimento deu lugar a um leve desconforto, pois eu estava pedalando rapidamente em direção ao final da estrada, enquanto aquele carro me perseguia bruscamente. Eu não tinha o costume de pedalar tão rápido, logo comecei a cansar, a adrenalina começou no corpo, quando me veio a possibilidade de estar sendo perseguido para ser morto. Eu gritava e gritava mas nenhuma resposta eu recebia da caminhonete. Assustado, acabei freando após ver novamente em meu caminho, ao longo da perseguição, uma

silhueta familiar. Era o velho senhor com seus gatos passeando no meio da estrada.

Sem entender, rapidamente me aproximei dele e pedi para que subisse logo na garupa, pois uma caminhonete desgovernada estava a se aproximar e não tínhamos muito tempo para chegar até a saída daquela estrada. Entretanto, depois de proferir tais palavras com um tom de desespero e angústia, aquele senhor me olhou e falou calmamente, num tom bem tranquilo, que não havia nenhuma caminhonete. Dali mesmo, eu me viro para trás rapidamente e percebo que a rua está deserta. Apenas dois vagalumes passavam por nós voando de um jeito até que elegante. A caminhonete sumiu, e a neblina se dissipou...

Perplexo, torno a voltar minha atenção novamente ao velho senhor que ali estava parado com seus gatos. Explico para ele tudo que havia acontecido até então, ainda ofegante

por conta da correria, e pergunto, curioso, como ele chegou tão rapidamente até esse ponto da estrada sendo que naquele momento, encontrava-se a pé e com seus gatos na coleira ainda.

Eis que ele me responde de uma maneira que me deixou confuso e assustado. Ele disse que na verdade nós dois viemos juntos, todo o caminho, conversando sobre o show que eu estava prestes a apresentar com meus amigos da banda e sobre o nervosismo em que eu me encontrava por ser minha apresentação de estreia com os garotos. Dali em diante, eu segui pensativo e assustado, pois não fazia sentido para mim tudo que havia ocorrido até então. Voltei a empurrar a bicicleta até a saída da rua, enquanto acompanhava o velho senhor que comigo estava. Chegado o final da estrada, me despedi, agradei a companhia e a conversa com o ele e segui em frente pegando meu caminho rumo ao evento.

Saindo do pequeno povoado, começo a sentir uma leve picicada e uma sensação de arranhão na região do meu braço direito. Com a mão esquerda, eu bato no meu outro braço, pensando ser algum inseto, porém, ao fazer isso, percebo que na verdade se tratava de uma das cordas do meu violão. Ela estava partida.

Naquele momento, me veio o desespero e a indignação, pois não fazia sentindo aquela corda estar partida. Primeiramente, eu ouviria o som dela se quebrando. Depois, eu estava caminhando até então empurrando a bicicleta a pé enquanto conversava com o velho senhor da vila. Não cheguei a fazer movimentos bruscos, muito menos a correr com a bike de acordo com o relato do senhor. A menos... A menos que eu realmente estivesse em perseguição com aquela caminhonete e no decorrer da correria a corda acabou se partindo... Será? Mas não faz sentido. O velho havia dito que desde a entrada da

estrada nós estávamos caminhando juntos. Mas não me lembro de nada disso também... Tudo que me vem à mente naquele momento é aquela caminhonete desgovernada.

Passado o tempo, acabei por chegar finalmente no local do show, olhei o relógio e vejo que ainda faltavam trinta e sete minutos para tudo começar. O palco já estava pronto, as luzes devidamente posicionadas. Porém... Algo me parecia peculiarmente estranho. Chego ao camarim e não encontro ninguém, imagino que devam estar em algum outro lugar se aquecendo para o início do show. Então, busco na capa do meu violão um jogo de cordas novo para trocar a corda recém-quebrada. Enquanto estou procurando as cordas, ouço meu nome sendo chamado de modo quase sussurrado através da porta: “Fernando...”. Aquela voz não me era estanha. Deixo de fazer o que estava fazendo para ir atender. Quando abro a porta, me deparo com o vazio, não havia ninguém

atrás da porta, muito menos nas proximidades do camarim.

Sem entender, volto para onde estava e finalmente encontro as benditas cordas para o violão, bate um alívio na hora. Coloco a nova corda, afino com meu afinador que sempre carrego na capa, e me direciono ao palco para instalar o violão no seu devido lugar.

Chegando lá, percebo que todas as pessoas desapareceram. Aquela densa neblina volta a aparecer em meio ao palco e, junto com ela, vejo, com dificuldades, uma silhueta encapuzada. Pensei comigo mesmo: “Não é possív...”. E antes mesmo de concluir essa frase em minha mente, eu ouço novamente meu nome sendo chamado: “Fernando...”. Dessa vez a voz ecoa por trás de mim, me viro rapidamente assustado e não enxergo nada, pois duas fortes luzes se direcionam em meu caminho numa velocidade extrema. Era a

caminhonete, dessa vez tão rápida quanto um carro de corrida, prestes a colidir comigo. Ouço novamente, só que mais alto: “FERNANDO!”. E tudo se apaga...

Do nada, eu acordo com uma enfermeira ao meu lado. Vi que estava deitado numa cama de hospital. Minha cabeça estava latejando, eu estava suando feito um porco prestes a ser abatido e meus braços e pernas estavam amarrados. Olho para o lado e vejo um relógio, são onze horas. Olho para o outro lado onde a enfermeira se encontrava e pergunto o que estava acontecendo e porque eu estava amarrado naquela cama. Um homem aparece na porta da sala logo após eu dizer isso. Dessa vez, um médico, senhor de idade, aparentemente. De novo, torno a perguntar o que eu estava fazendo ali e quem eram eles.

O homem se aproxima, lentamente. Minha visão ainda estava embaçada por conta

da febre que eu sentia, mas conforme ele se aproximava, sua silhueta ia tomando forma, e aos poucos me parecia cada vez mais familiar aquele rosto. Ele chega ao ouvido da enfermeira, sussurra umas palavras curtas, se vira, e volta rumo à porta da sala. Novamente ele olha para mim e no escuro da sombra que se projetava na porta, tira os óculos, puxa um pano de seu bolso no jaleco e, enquanto limpava as lentes, ele olhou para mim... Logo após terminar, ele se retirou da sala e fechou a porta.

Viro rapidamente minha cabeça em direção à enfermeira e percebo que ela começa a preparar uma injeção para aplicar em mim. Desesperadamente, eu pergunto pra ela o que diabos estava acontecendo, o que estavam fazendo comigo e quem eram eles. Mas não adiantava falar, nada saía de sua boca. Após alguns segundos, ela termina de preparar a injeção, chega perto de mim, direciona sua



cabeça perto do meu ouvido e diz bem baixinho: “Volte a sonhar.”. Enquanto dizia isso, ela injetava aquela agulha no meu antebraço esquerdo e aos poucos tudo ia ficando escuro.

Do nada, começo a sentir um vento batendo em minha cara. Abro os olhos. Estou olhando para o chão e vejo que ele está se movimentando. Estou pedalando aparentemente, mas sinto que não estou totalmente no controle. Percebo que meu violão está novamente em minhas costas: “É, parece que foi só um sonho no final das contas” - Eu falei comigo mesmo. Pego meu celular e vejo que já é sexta-feira. Pelo visto, o show foi agitado, não me lembro de nada do que aconteceu ontem. Mas quem diria... Já estou chegando novamente na estrada daquele pequeno povoado.



Samuel Soares Nascimento, nascido em 2 de junho de 1999, em Bezerros - PE. Mora, desde sempre, em Feira de Santana. Apaixonado por arte e cultura pop, vive sua vida toda consumindo filmes, desenhos e jogos eletrônicos. É estudante de Licenciatura em Música na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Parecia mais um dia normal. O sol iniciava a manhã lindo e sorridente, os pássaros cantarolavam lindamente seus arranjos em duetos, trios, e orquestração. O barulho dos automóveis, motocicletas, e conversação anunciavam a chegada de mais um sábado agitado em que a movimentada feira livre ganharia um ar de sucesso ao fim do dia. Acordou pela manhã, fez tudo como sempre, pois seguia a sua rotina, dia após dia, como se fosse uma receita repetitiva utilizada numa dessas “casas de bolo”. Após aquela consulta insistente e demorada ao smartphone levantou, escovou os dentes, e foi cumprimentar a sua rainha: “bença mãe?”. “Deus te abençoe meu filho”, respondeu ela cheia de entusiasmo como se tivesse ganhado um prêmio simplesmente por saber que seus dois filhos e sua filha estavam bem, haviam acordado na mais perfeita saúde, firmes e fortes.

Tomou seu café, deitou-se ao sofá (o qual possuía uma TV logo à frente) para

durante alguns minutos assistir um pouco do noticiário regional. Mais tarde, à noite, haveria uma cerimônia de casamento e, fora convidado e pago há exatos 08 meses para participar do evento juntamente com seu grupo, no qual era solista principal. A noiva estava ansiosa desde o primeiro momento. Marcou a primeira reunião para conhecer o repertório e perceber se realmente era aquilo que queria para compor a realização do seu sonho. Gostou de algumas peças, indicou outras, teceu belos comentários acerca do grupo, emocionou-se, e... fechou negócio. Depositou toda a sua confiança no grupo o qual ele era líder, um dos músicos de muito respeito na pequena cidade interiorana.

Na mesma manhã de sábado ele fez tudo como previsto em outros dias, mas, que seria enfatizado por se tratar de uma preparação para um grande momento festivo onde a sua apresentação precisaria ser impecável. Pois bem! Após assistir ao noticiário, cuidou de se alongar, montou seu instrumento, realizou seus exercícios de aquecimento e passou o repertório. Estava tudo bem, como em dias normais. Pela tarde cuidou de retirar um de

seus ternos do guarda-roupas, escolheu uma camisa verde listrada que considerou adequada para o dia, e esticou-a por completo num ferro de passar recém-comprado numa das lojas de eletros da cidade. Uma ida preventiva ao local do evento no fim da tarde asseguraria e o familiarizaria a respeito do espaço e da qualidade do equipamento de som a ser utilizado mais tarde, certo que até então não se tinha essas informações.

Por volta das 19h foi chegado o momento de se reunir ao grupo justamente para ajeitar o material, conectar os instrumentos, e passar umas duas músicas cuidando da ambiência e proporção sonora antes mesmo da chegada dos primeiros convidados da festa, que seria às 20h30min. Microfones? Ok. Teclado? Ok. Saxofone? Ok. Trombone? Ok. Tudo estava maravilhosamente completo. As partituras foram adaptadas por ele mesmo, adaptando as canções do gênero gospel cantada a uníssono para quarteto misto.

O primeiro a entrar foi o noivo, acompanhado da sua mãe. Em seguida vieram

os pais da noiva, e após, o pai do noivo acompanhado por sua irmã. Todos seguiram pelo corredor enfeitado de rosas brancas e sob um tapete vermelho esplêndido. Entraram os padrinhos e madrinhas, as amigas da noiva, e as crianças vieram trazendo muita paz e encantamento, jogando rosas, trazendo as alianças, e com uma pequena placa que dizia: lá vem a noiva!

Após a entrada da placa, um silêncio tomou conta do lugar, os convidados que estavam de pé não resistiram e mesmo em meio à ansiedade sentaram, pois, a demora na entrada da protagonista fez-lhes cansar. A cerimonialista sinalizou, ele se posicionou, e ainda sem que a plateia percebesse executou um breve toque de anúncio que informava e alertava a todos e todas presentes que a noiva iria entrar. Os convidados tomaram aquele choque inicial, levantaram-se, ligaram as câmeras de seus aparelhos e voltaram-nas para o início do corredor, onde a noiva estava já posicionada para entrar. Era o momento então da execução da música principal do repertório naquela noite: a marcha nupcial. Já popularizada e que

muitas pessoas já reconhecem como sendo um clássico quando o assunto é casamento, a peça seria solada ao trombone por preferéncia da noiva.

Mas algo estava estranho. Já nas primeiras notas, parecia que o “Dó3” não estava na sua melhor frequência. Era como se algo estivesse entupindo o instrumento fazendo com que aquele “Dó” soasse quase um tom acima. O tecladista percebeu e ficou inquieto.

Assustado e sem entender, tentou continuar a executar a peça, acreditando que nas notas seguintes o problema seria resolvido. Enganou-se! Perguntou a si mesmo: “o que está acontecendo?”. Sem respostas, decidiu parar nos primeiros 30 segundos de execução. A noiva não havia chegado à terceira fila dos convidados que iniciavam o preenchimento daquele lugar, de trás para frente. Padrinhos e madrinhas, pais, amigas da noiva e celebrante, também achando estranha a situação, olharam para ele como se dissessem: “Esse cara não sabe tocar!”; “Vamos, toque!”; “Por que parou?”.

Ao retirar o instrumento para uma rápida verificação, percebeu que a válvula do rotor que acionava as notas graves estava solta, fazendo com que o rotor do trombone ficasse solto entre os tubos, e isso alterou toda a afinação do instrumento. Rapidamente colocou a válvula no lugar, contou até três para que o tecladista o acompanhasse, e tentando fugir daqueles olhares que o aprisionavam na mais perversa masmorra, reiniciou a canção para que a noiva pudesse concluir a sua entrada.

A cerimônia prosseguiu e, claro, ainda havia quase metade do repertório para dar conta. O que ele queria mesmo era sair dali, ir para casa, consolar-se com seu travesseiro, pois, aquela falha o deixou detonado. Pensava a todo o momento o quão desagradável foi aquela sensação, e mais chateado ainda ficava quando lembrava a reação das pessoas ao perceberem a “escorregada”.

Findado o repertório após a saída dos casados, ele rapidamente recolheu os materiais juntamente com o grupo, e partiu para casa, esquivando-se de qualquer comentário ruim que pudesse surgir acerca da sua apresentação.



Não consegui se consolar, mesmo sabendo que talvez o rápido conserto da válvula seguido da bela apresentação do grupo pudesse, de certa forma, apagar um pouco daquele início sombrio de solo. Nem mesmo os elogios da noiva e alguns convidados conseguiram erguê-lo nos dias próximos.

Esquecer não foi o caso, não houve esquecimento nem entendimento do que foi a tragédia. Certamente, aprendizado!



Wellington Murph

Wellington dos Santos Santana é músico instrumentista, professor de música e faz parte do curso de licenciatura em

música da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Natural da cidade de Santo Estevão – Ba, Wellington lida com a arte desde os 12 anos, quando teve a oportunidade de participar da sua primeira escola de música. Oriundo das tradicionais bandas de música (Fanfarra e Filarmônica), o artista atua em escolas, bandas, e projetos sociais, trazendo consigo experiências músico-pedagógicas com jovens e adultos. “É de imensa nobreza a possibilidade de música e poesia caminharem juntas”, afirma Wellington.

Numa tarde escaldante, uma vila pacata e quieta, no meio do nada, chamada Soul Village, derretia como cera, o sol queimava impiedosamente sobre aquelas cabeças. Uma figura surgiu misteriosamente no horizonte. Era uma pessoa, caminhava lentamente, parecia estar cansada. A vila agitou-se, todos queriam ver o forasteiro que provavelmente estava perdido. Era um garoto. Estava só, definhando, sedento, não conseguia falar, ninguém sabia de onde veio aquela figura sofrida.

Ninguém queria acolher o pobre garoto. Uma senhora com uma feição doce, viúva que havia perdido o seu marido na guerra se voluntariou e o levou para casa. Seu nome era Joana. Se encarregou em cuidar dele, até que o xerife da vila, que já era um senhor, com uma barba grande e grisalha e tão gordo que não conseguia enxergar os próprios pés,

achasse algum vestígio de onde ele poderia ter vindo.

A senhora o alimentou, deu-lhe um banho, vestiu as melhores roupas que tinha guardado de um de seus filhos que já tinha partido para a cidade grande. O garoto não disse uma palavra ou fez qualquer barulho que seja, estava cansado e logo dormiu. Na manhã seguinte, ela levantou, ele estava em pé, na sala, olhando fixamente para os quadros na parede.

— São meus filhos, eles são músicos! Você gosta de música — Disse a senhora, pacientemente.

Ele parecia não entender o que ela falava. Mas seus olhos brilharam, quando viu um violino pendurado na parede e apontou.

— Isso é um violino! Era do meu marido, a paixão dele era tocar nas praças, sonhava em ser um grande músico...

Os olhos cheios de histórias da senhora começaram a marejar.

— Mas foi convocado para a guerra, fiquei com meus dois filhos em casa, esperando por cartas...

Tentou rir, mas as lágrimas percorreram o rosto enrugado, antes que ela as enxugasse.

O menino se aproximou.

— Moleque! - ele disse quase sussurrando

— O que disse?

— Me chamam de moleque

— De onde você veio?

— Não tenho casa, moro na rua, trabalho por um pouco de comida, mas alguns homens me deixaram no meio do nada e eu saí, perambulando até aqui.

Joana ficou perplexa. Não tinha reação.

— Você tem família?

— Não senhora. Tive que sair do orfanato, quando fiz 10 anos

Ela respirou fundo e chamou a ajudante:

— Lina! Chame o xerife, e fale para ele vir com urgência.

— Sim senhora! — exclamou Lina e saiu.

O xerife rechonchudo e a senhora conversaram por horas na sala de estar, enquanto o pequeno forasteiro olhava curiosamente, tentando entender o máximo de coisas que conseguia ouvir. Os dois caminharam em direção ao menino. Conversaram e o garoto decidiu fazer companhia à senhora. Joana sentiu um buraco na alma preencher. Ela decidiu chamá-lo de Dimitri.

Passaram-se algum tempo e Dimitri se mostrou apaixonado por música. Logo, Joana o colocou numa escolinha de música. Ele aprendeu a tocar o instrumento que ela mais amava: violino. Todos da vila já conheciam o som agudo e as melodias encantadoras que o jovem Dimitri tocava. Ficou conhecido na vila. Ele era apaixonado pelo que fazia.

certo dia, um dos filhos da dona Joana, que era um maestro famoso na cidade, veio

visitá-la, viu que o menino era um talento raro e não hesitou em convidá-lo para tocar em um de seus concertos. O jovem aceitou euforicamente. Joana sentiu que logo ficaria com um vazio no peito novamente, porém o apoiou. Ela despendurou o violino do finado marido na parede, limpou e deu ao jovem.

— Dimitri! Leve, é seu! Toque com ele na apresentação. - disse Joana

— Obrigada por tudo, Joana!

Abraçaram-se e ele partiu.

Na noite da grande apresentação, Joana ficou em casa, sua idade não lhe permitia ir muito longe, ela pegou um rádio velho para escutar a apresentação de Dimitri, sentou em uma cadeira de balanço, na varanda da casa, olhando para o céu, a noite estrelada estava fria, ela se cobriu com alguns lençóis e esperou começar.

No teatro, Dimitri se posicionou no palco, nunca havia tocado para pessoas da alta sociedade ou para uma plateia tão grande. Era

sua primeira vez em um teatro! Estava nervoso. Pôs o violino no ombro, fechou os olhos, ergueu o arco e passou intensamente sobre as cordas. Surpresa! Um som estridente e desarmonioso saiu daquele instrumento, ele abriu os olhos já em desespero, não entendeu o que estava acontecendo, checkou o violino e não viu problema aparente e tentou novamente, nada! A plateia se agitou, não entendeu o que acabara de acontecer, as vozes começaram a ecoar no deslumbrante teatro.

Os olhos nervosos de Dimitri cruzaram com os olhos julgadores da multidão, ele se sentiu envergonhado, curvou-se como se tivesse acabado de se apresentar e saiu do palco, ficou aos prantos, olhou para dentro do violino e não viu a alma dele. Assim como o violino, estava dona Joana, vazia, sem alma, fria, sentada naquela cadeira de balanço.





Yasmin Cavalcanti, 20 anos, nascida em Paulo Afonso no interior da Bahia, é uma estudante do curso de letras com inglês na Universidade Estadual de Feira de Santana.